

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Arquitetura, Liturgia e Evangelização

Dom Sumio Takatsu

O que se segue é uma tradução resumida de partes das obras de liturgistas, teólogos e P.Hammond, que parece ser um arquiteto especializado em templos. As notas do rodapé indicam as partes traduzidas das obras.

Certo pároco tradicionalista de uma igreja gótica vitoriana me disse recentemente: não poderei começar a fazer o meu povo ver a si mesmo como o Corpo de Cristo até que se altere inteiramente a planta deste edifício. E eu creio que ele estava certo. Até duas décadas atrás, costumava-se dizer que o primeiro obstáculo na evangelização era a arquitetura dos templos. Agora estamos no caminho certo ao ressaltarmos a prioridade de "ser Igreja" sobre o "ir à Igreja". E estamos reaprendendo que o povo que vai à igreja recebe um poderoso efeito psicológico para a sua visão da Igreja por tudo aquilo que o edifício diz. O edifício da Igreja é um auxílio ou um impedimento para a edificação do Corpo de Cristo. O que o edifício comunica, com freqüência, diz inteiramente o contrário daquilo que buscamos expressar por meio da liturgia.

Existe uma conexão inalienável entre a liturgia e o evangelismo. São duas faces diferentes da "proclamação da morte do Senhor até que Ele venha". O evangelismo preserva liturgia saudável, criativa, e voltada para fora. A liturgia preserva o evangelismo mais integral, comunitário e com o pé no chão. E, no cerne de toda a ação cristã para a encarnação do Reino de Deus na terra, está o ato mais social e mais materialista, no qual a Igreja põe a mão - o partir do pão. Por isso, não é surpreendente que a arquitetura, a mais social e mais materialista dentre as artes, deva ser também, a mais decisiva para a expressão adequada da fé. Isto foi bem compreendido em outras épocas. É um sinal de esperança que esteja compreensão está sendo recuperada em nossa geração.¹

Liturgia, Teologia e Arquitetura

As igrejas cristãs mais antigas eram essencialmente edifícios para a adoração comunitária. Sua forma foi determinada pela necessidade de proporcionar meios adequados para certas atividades comunitárias, acima

¹ J.A.T.Robinson, Bispo de Woolwich. Prefácio in: COPE, Gilbert.(ed) *Making the Building to Serve the Liturgy*. Mobray, 1962

de tudo, para a assembléia eucarística no Dia do Senhor. Como Nigel Melhuish escreveu,

o que se desejava numa construção era um ambiente funcional e adequado para uma "função" bastante analisável, ao invés de uma atmosfera devocional "vaga" e indefinível. A basílica romana não foi escolhida pela sua beleza, nem pela sua religiosidade, mas simplesmente porque, de todas as construções daquela época, era a mais própria para a função pública da liturgia. Foi esta abordagem estritamente funcional que estabeleceu o fundamento de todo o desenvolvimento que houve desde então na arte cristã. (*Church Building and the Liturgical Movement, 1956*)...

A tarefa do arquiteto moderno não consiste em desenhar um edifício que "pareça" com uma igreja, mas em criar uma construção que funcione como um lugar para a liturgia. A exigência principal e essencial é uma análise radical. A Igreja da Inglaterra tem muito a aprender da obra realizada neste país durante os últimos anos na construção de prédios seculares. As escolas de Hertfordshire, por exemplo, merecidamente receberam reconhecimento mundial. Elas estabeleceram um novo padrão de arquitetura escolar em ambos os lados do Atlântico. A sua notável qualidade deve-se, acima de tudo, ao fato de que a função de uma escola foi submetida a uma análise cuidadosa por um grupo de arquitetos e educadores que não hesitaram em voltar aos princípios iniciais e estavam preparados para modificar suas conclusões, à luz da experiência. Suas obras deram fruto numa série de construções que são de qualidade incomparavelmente superior às nossas igrejas do pós-guerra, não apenas do ponto de vista da integridade estrutural e do uso imaginativo de novos materiais e técnicas, mas também e acima de tudo, pela incorporação de novas percepções do anos recentes nas áreas da pedagogia e da psicologia infantil. Do mesmo modo, as igrejas construídas com sucesso no continente europeu no pós-guerra, são resultados da tentativa de analisar e reformular a função da Igreja, à luz das novas percepções teológicas e litúrgicas tão copiosamente manifestas hoje em dia pelo mundo cristão.

A história da presente renovação da arquitetura eclesial nos mostra que não se pode esperar razoavelmente de um arquiteto um projeto satisfatório de uma igreja que incorpore em termos espaciais e estruturais a visão teológica de nosso tempo, a não ser que ele esteja suprido de uma adequada súpula. Só quando a Igreja estiver preparada para enfrentar a responsabilidade de pensar de novo sua razão de ser e da construção em que se encontra para a liturgia, poderá esperar do arquiteto ou artista a execução daquela fusão da tradição cristã autêntica com as formas contemporâneas que uma arte sacra verdadeira exige. A evidente superioridade das melhores igrejas no continente europeu sobre as nossas não está nos arquitetos alemães ou suíços, supostamente mais qualificados. Essas igrejas são melhores do que as nossas porque, nesses países, as Igrejas mais profundamente influenciadas pelo movimento litúrgico iniciaram

o desempenho de suas responsabilidades em propiciar aos arquitetos um programa informado de uma compreensão genuinamente moderna da função da igreja e de uma tradição teológica e litúrgica vivas.

O problema fundamental da arquitetura eclesial contemporânea foi admiravelmente exposto por Marvin Halverson, teólogo americano da Igreja Congregacional, numa obra recente, *"Sobre a necessidade de uma boa arquitetura para a Igreja"*. Diz ele, que...

Uma construção eclesial que é efetivamente projetada nos termos da função da Igreja, terá uma forma apropriada e, por conseguinte, assumirá a natureza simbólica, que diga ao mundo alguma coisa sobre o que a Igreja crê. Mas antes que se alcance isso, a Igreja deve ter uma compreensão clara de sua função, sua vocação, no mundo de hoje e de amanhã. A arquitetura não pode ver sua obra realizada até que haja a recuperação do significado da Igreja por parte da Igreja. Uma das dificuldades da arquitetura eclesiástica no passado foi que a forma arquitetônica seguiu muito de perto uma função inadequadamente concebida. Naturalmente um arquiteto pode projetar uma construção para uma Igreja carente a fim de abrigar suas diversas atividades. Embora o arquiteto deva ter dados sobre as exigências da educação religiosa e a necessidade de espaços para os vários grupos na Igreja, a tarefa dele exige mais do que isso. Fundamentalmente, ele deve conhecer a razão de ser da Igreja. Esta compreensão do propósito da Igreja deve ser descoberta pelo ministro e congregação. O arquiteto não pode ser teólogo para a Igreja assim como o ministro e congregação não podem ser arquitetos.²

A Reforma anglicana do Século XVI

A atitude clássica da Igreja da Inglaterra em relação à história tem sido a de não apelar para si mesma e para o seu passado recente, mas para a Escritura e antigüidade: o Antigo Testamento e o Novo Testamento, os pais católicos e os bispos dos primeiros tempos. Se devemos ser leais a esse apelo, devemos também estar preparados para submeter o nosso próprio passado e de outros cristãos ao juízo das Escrituras e da antigüidade.

A pesquisa moderna da liturgia e história tem estabelecido além do questionamento razoável, que o LOC como outros documentos do seu tempo está aquém dos padrões, aos quais a Igreja da Inglaterra professa apelar. A Reforma inglesa dos séculos XVI e XVII é essencialmente provisória. Tratar das soluções daquele período como se fossem normativas é eliminar qualquer possibilidade de levar adiante a obra iniciada na Reforma.

² HAMMOND, Peter. *Liturgy and Architecture*, pp.8,9,10

Nenhuma reforma poderá jamais ser final ou definitiva. A Igreja está sempre debaixo do julgamento de Deus.

A revisão do LOC é apenas uma parte da tarefa da reforma litúrgica que nos confronta hoje. Haveria pouco prospecto para a rápida reforma neste campo. A transformação do ambiente da liturgia é uma outra matéria. Os experimentos que ocorreram nas capelas das universidades e das paróquias em todo o país durante a década passada demonstraram que, mesmo dentro da moldura de um rito que reconhecidamente é insatisfatório, todo o caráter da liturgia pode ser transformado, se o diagrama da construção em que se celebra a liturgia for modificado de acordo com as novas percepções teológicas. A reforma litúrgica pode bem começar com a própria construção da igreja.

Talvez a tentação mais séria que cerca a pretensa reforma de hoje é a tentativa de reproduzir formas externas da antigüidade cristã: a tentação de recriar a liturgia patrística, ou construir basílicas romanas revestidas de contemporaneidade.

A solução para o problema de projetar uma igreja moderna não está em substituir a planta do século XIV por uma do século IV. A basílica pertence a um época em que os materiais de construção estavam limitadas às pedras e madeiras. Hoje, graças aos novos materiais e sistemas estruturais, temos meios de criar relações de espaços incomparavelmente mais sutis e mais expressivas do que as basílicas. Por outro lado, todas as tentativas de reproduzir formas externas de uma outra época, por mais excelente que seja o período escolhido, são desvios.

O movimento litúrgico está preocupado com o presente e não com o passado, embora ele surja do reconhecimento de que a solução de muito de nossos problemas imediatos exige retorno às fontes da tradição cristã. Suas notas dominantes são mais missionárias e pastorais do que antiquárias ou arqueológicas. Se estudamos os Pais da Igreja, não é porque desejamos substituir o século XIV pelo século IV como uma espécie de idade áurea, que deve ser reproduzida fielmente em todos os pormenores. Nas palavras de um grande teólogo do século passado, temos de fazer para o nosso tempo o que os Pais fizeram para o seu tempo. Não podemos fazer o nosso trabalho simplesmente reproduzindo o trabalho deles, mas devemos reproduzir a velha verdade "...de tal forma que seja adequada... às características do pensamento moderno... Devemos ver que vivemos sob a luz que iluminou a inteligência das eras anteriores à secularização da Igreja.³

Domus Ecclesiae

O edifício eclesial é a casa da Igreja, no sentido bíblico. É a casa do povo, que é o Templo do Deus vivo, habitação do Espírito, casa espiritual construída sobre pedras vivas. O edifício da Igreja não tem sentido à parte da comunidade de que dele se serve. É, acima de tudo, um edifício em que o povo de Deus se reúne para certas funções, isto é, para a realização de

³ HAMMOND, Peter. op.cit. cap 2

várias atividades comunitárias conhecidas coletivamente como liturgia ou serviço público. É para isso que a igreja existe. É o edifício para a adoração comunitária. É, acima de tudo, um espaço para a assembléia eucarística. Reduzida a simples essência, a igreja é uma casa para acolher uma congregação reunida em torno de um altar.

A liturgia é o coração da vida da Igreja. É a função principal da Igreja e sintetiza toda as atividades e o significado da Igreja. Embora não se negue a devoção pessoal e a adoração privativa, o culto na comunidade cristã é um ato comunitário. Por isso, a igreja deve ser projetada não para a adoração do isolada de um indivíduo, mas para uma comunhão comunitária chamada para uma missão no mundo. É a adoração que deve determinar a construção, e não o contrário. A função da Igreja é essencialmente litúrgica. Toda a estrutura, não menos do que o Altar, a Fonte Batismal ou Cálice, é instrumento da adoração.

Não é essencial à Missão da Igreja uma estrutura permanente e separada para a adoração comunitária do povo de Deus, embora permaneça visível e local a adoração dos que estão em Cristo. Por quase três séculos a Igreja se referia exclusivamente a uma comunidade e não a um edifício. A liturgia era celebrada num ambiente doméstico, nas casas dos que eram a Igreja de Deus. Nos tempos recentes, inúmeros cristãos aprenderam a ter, de novo, o acesso ao significado do que é ser a Igreja por meio da adoração conjunta nos campos de prisão, nas cozinhas dos padres e pastores obreiros e nas Igrejas que funcionam nas casas nas periferias.

Afirmar que a função principal de uma Igreja é converter o visitante em adorador(a) é ignorar a razão fundamental do edifício da Igreja, dando destaque indevido ao que é essencialmente acidental e derivativo. O propósito de um templo não consiste em proporcionar a um visitante ocasional uma experiência de adoração. Se não estamos muito expostos ao perigo de tornar a igreja covil de ladrões, chegamos perigosamente perto de tornar a igreja um monumento histórico, bens de interesse altamente cultural e estético ou pavilhão de arte religiosa, uma casa a ser visitada e apreciada, ao invés de um lugar para a adoração comunitária. O primeiro propósito da construção de um templo é puramente prático. É propiciar um local para a assembléia litúrgica de uma comunidade cristã particular.

Todavia o templo é também a Casa de Deus. Se a sua função principal consiste em prover um espaço conveniente para o povo de Deus celebrar a liturgia, é também a encarnação, uma manifestação visível do que Igreja é e acredita. Nas palavras de São Tomás de Aquino, o edifício da igreja é uma imagem do corpo místico de Cristo. Em última instância, é impossível considerar a casa da Igreja ou casa de Deus isoladamente. O templo assumirá a natureza simbólica só quando sua planta e estrutura forem informadas por uma compreensão genuína da natureza da comunidade cristã e de sua liturgia.

Localização do Altar

É essencial que o altar esteja localizado num lugar apropriado. Também é essencial que a relação entre os ministros no altar e todo o corpo dos fiéis, bem como a relação entre a fonte batismal, a mesa e o local da proclamação da Palavra devam manifestar o verdadeiro caráter da Igreja como uma comunidade eucarística e da liturgia como um trabalho comunitário em que todos são participantes ativos. Se essas condições forem cumpridas, se a disposição do espaço for governada por um programa teológico adequado, se o edifício for uma peça honesta de construção, livre de ornamentos irrelevantes, então sua importância simbólica e funcional será natural. É inútil preocupar-se com os aspectos mais esotéricos do simbolismo cristão até que tenhamos aprendido, novamente, a construir igrejas que funcionem como edifícios para a adoração comunitária. O que importa é que o projeto da construção esteja relacionado com pensamento teológico e a prática litúrgica de nosso tempo e não de outro tempo.

O altar cristão é o símbolo principal do Cristo na sua Igreja. O altar não é simplesmente o símbolo de Cristo. É, também, a santa mesa, em torno da qual a Igreja se reúne para o banquete eucarístico. Se o altar ficar escondido num canto, essas dimensões não serão ressaltadas ou o serão de modo inadequado. O altar deve ficar afastado da parede e atrair as atenções para si. Falando estritamente, o altar não precisa de ornamentos ou decoração. A própria mesa é o símbolo mais poderoso e importante. A tradição antiga da Igreja proibia colocar em cima da Mesa qualquer coisa que não fosse necessária para a celebração da Eucaristia. Até o século XII as velas e a cruz eram carregadas no início da liturgia, mas não eram colocadas sobre a Mesa. Só no século XVI que o crucifixo foi colocado em cima da Mesa no Rito romano. O princípio cardeal a ser observado sobre a decoração da casa de Deus é aquele que diz que toda decoração deve estar relacionado com a função litúrgica. Nunca a decoração deve ser um fim em si mesma.

Localização do Atril (púlpito)

Nas basílicas antigas, o bispo expunha as Escrituras durante a assembléia litúrgica, de sua cadeira localizada na abside atrás do altar, embora as leituras fossem feitas dos atril ou púlpitos (tribunas) localizados no presbitério ou santuário.

O ideal seria que houvesse apenas um atril, do qual se proclame a Palavra de Deus nas leituras e na exposição das mesmas no sermão. Deve estar estreitamente relacionado com Mesa. A localização do atril ou púlpito perto do santuário e do comungatório sublinha o fato de que o mesmo Cristo alimenta o seu povo pela Palavra e pelo Sacramento.

Relação Nave / Santuário

A estruturação do espaço litúrgico envolve, portanto, a criação de um espaço em que a Igreja se reúna em torno de dois pontos focais

relacionados entre si: o altar/mesa e a proclamação da Palavra. Ao considerar o caráter do ambiente espacial para a assembléia eucarística, o arquiteto deve ter em mente duas verdades fundamentais: primeiro, a Eucaristia é uma ação comunitária. É o ato unido da Igreja, que é o Corpo de Cristo. Ele é o Sumo Sacerdote verdadeiro, de quem foram as sombras e tipos os sacerdotes imperfeitos da antiga dispensação. Como Santo Agostinho disse, não só o Cabeça foi ungido, mas também o corpo, que somos nós. Ele nos incorporou em si mesmo, fazendo-nos seus membros, de modo que, Nele, devemos ser, também, o Cristo porque, de alguma forma, Cristo todo é o Cabeça e Corpo; segundo, dentro da comunidade sacerdotal há diversidade de funções. Nem todos, no Corpo de Cristo, têm as mesmas funções.

Durante alguns anos, o desejo de reafirmar a verdade meio esquecida de que toda a Igreja é uma comunidade sacerdotal levou muitos clérigos e arquitetos a experimentos com as plantas circulares ou octogonais, em que a Santa Mesa ficava no centro do edifício. O caráter insatisfatório de quase todas as igrejas deste tipo está no fato de que ressalta apenas um aspecto do Corpo de Cristo, sua natureza orgânica e sacerdotal, à custa de outros aspectos. Falha em manifestar a gradação hierárquica das funções dentro da comunidade litúrgica. Esta é provavelmente a falha de qualquer igreja que coloque o altar no centro, embora seja evidente a vantagem de destacar e propiciar a participação de todos na ação eucarística⁴. O problema é mais complexo. A relação entre o santuário e a nave deve expressar a separação e identidade.

A liturgia do laicato envolve mais do que ouvir e ver. O senso comunitário é parte essencial da liturgia. Porém, essa crença é contraditada pela organização do espaço de muitos templos. O ambiente espacial da Eucaristia deve ser de tal forma que atraia a congregação para a ação que se realiza. Não é suficiente que o laicato seja capaz de ouvir e ver alguma coisa feita em seu favor pelos "atores" profissionais. A diferença entre os atores e espectadores tem de ser superada. O problema básico é semelhante ao que tem engajado muitos arquitetos na projeção de teatros. Os princípios estabelecidos por Walter Gropius nesta conexão são extremamente relevantes para o planejamento da construção das igrejas bem como para os teatros.

O primeiro desses princípios que Gropius expôs numa preleção proferida em Roma em 1934, é a "completa coordenação de todos os elementos arquitetônicos que leve à unidade entre o ator e espectador". Não deve haver "separação entre o palco e o auditório". O arquiteto deve usar "todos os meios espaciais possíveis capazes de despertar o espectador de sua apatia, de surpreendê-lo, atacá-lo e obrigá-lo a ter interesse real e vivo na peça. "Substituam-se auditório e palco" por "nave e santuário" e "peça" por "liturgia" que se tem a descrição do objetivo que se alcançou com

⁴ Ver HAMMOND, P. op.cit., p88

relativo sucesso a construção de templos elípticos ou com projeto circular ou elíptica ⁵.

Os princípios dos teatros novos são... um teatro-comunidade, que unem o povo, alcancem a integração de todos os elementos espaciais com a intenção de fazer acontecer a integração humana entre os atores e espectadores, a superação da separação entre o "mundo da ficção" no palco e o "mundo real" do auditório, a participação do auditório no drama para acordar a capacidade criativa adormecida, apagando a distinção entre lá e cá, entre o palco e o auditório...

Ponto de partida para a organização espacial

A forma do santuário e a relação entre o altar, púlpito e a congregação representam o ponto de partida de uma nova concepção do espaço litúrgico.

Embora esteja o santuário bem definido, não está separado da nave. A nave e o santuário são visível e psicologicamente uma só coisa. Novos materiais e técnicas de construção têm capacitado os arquitetos a criar um único espaço integrado como meio para alcançar a integração que a liturgia exige.

A localização do coro entre a congregação e o altar envolve um elemento mais indesejável de separação entre o nave e o santuário. É imperativo que se encontre uma localização alternativa.

Nas igrejas católicas romanas modernas, os cantores e o órgão estão, no geral, localizados numa galeria ocidental, atrás da congregação. A galeria foi restabelecida em muitas igrejas anglicanas a partir de 1930. Todavia, recentemente, houve sinais de retorno à tradição antiga de que a escola dos cantores deve ser localizada perto do altar, e não à parte de todo o corpo da congregação ou numa galeria. A posição dos cantores deve ser considerada à luz das funções litúrgicas bem como da música. O ponto essencial que se deve ter em mente é a função litúrgica dos instrumentos musicais.

Localização do Batistério

O problema de criar um ambiente espacial para a ministração do Batismo é particularmente complexo. Nas palavras das diretrizes americanas da Igreja Católica Romana, o batistério deve estar localizado na entrada da igreja. A fonte santa deve dizer com muito vigor à comunidade que entra para adoração, visto que é um sinal contínuo do novo nascimento cristão em Cristo. Temos, aqui, um simbolismo genuíno do espaço, do local enraizado na Escritura e na tradição litúrgica.

⁵ Ver HAMMOND,P. op.cit.,pp.92ss.

Surge, entretanto, a dificuldade de se dar uma plena expressão a este simbolismo tradicional do batistério localizado na entrada da igreja, pela qual a Igreja deve passar para chegar ao espaço da Eucaristia, quando se procura ministrar o Sacramento do novo nascimento na presença de toda a congregação (Igreja) e não apenas na presença dos padrinhos e amigos. O número de nossas paróquias em que o Batismo é ministrado na presença de toda a congregação como norma está crescendo rapidamente. Isto tem levado muitos clérigos a imitar a prática muito difundida entre os cristãos reformados no continente europeu, colocando a fonte batismal perto do altar, mesmo dentro do santuário com o risco de destruir o simbolismo da localização da fonte.

É urgente que se pense, de novo, a relação do Batistério com a Eucaristia, em termos de princípios teológicos e litúrgicos e não meramente da conveniência prática e do precedente antiquário.⁶

Sobre a dificuldade da localização ideal do Batistério, deve-se dar mais atenção às possibilidades do movimento, da movimentação na liturgia. Há pouca dúvida de que a introdução de bancos fixos na igreja tem sido um fator importante no encorajamento dos leigos a se considerarem espectadores, ao invés de participantes. Uma das formas mais seguras de quebrar as barreiras psicológicas para a participação leiga é fazer com que o povo saia de seus lugares. A procissão à fonte batismal envolve o movimento de toda a congregação à fonte.

Só a Nave Não Constitui a Igreja como Espaço litúrgico

Isso ressaltaria o fato de que **todo** o edifício da Igreja é espaço litúrgico. A igreja não consiste de um santuário, no qual se realiza, ao qual se anexa um espaço separado para acomodar um auditório. Por isso temos a necessidade básica em nossos dias de uma nova abordagem dos projetos de templo, abordagem fundada no reconhecimento de que a igreja é, em primeiro lugar, e, acima de tudo, uma construção para a adoração comunitária e não um monumento ou um santuário. A forma arquitetônica da construção, a relação entre suas partes, deve surgir de uma análise de sua função litúrgica.

Infelizmente, é preciso reconhecer a validade do que Paul Winninger cunhou inteligentemente "complexo de monumento". Uma torre que se ergue aos céus dominando os edifícios da vizinhança é um elemento essencial para a idéia de uma igreja que cativou a consciência européia na Idade Média. Há pouca esperança de um progresso real até que tenhamos sucesso em ir atrás dessa idéia romântica da igreja para a consideração das funções essenciais do edifício da igreja.

⁶ Ver An Apology for Variable Liturgical Space, de William Seth Adams, clérigo anglicano de Texas, que adotou a localização da fonte batismal na Entrada da Igreja e no Espaço Eucarístico, conforme a Quadra do Ano Cristão. Cf. Worship 61 / 3. Nota do tradutor.

Materiais litúrgicos e experiências da vida

O espaço está organizado para a Liturgia do povo congregado. A liturgia, a ação conjunta do povo de Deus para celebrar a ação criadora e salvadora do Deus Triúno, para anunciar a presença do Cristo crucificado e ressuscitado na Palavra e na Mesa.

Para Iniciar a ação litúrgica, é preciso ter duas séries de anotações, que, no decorrer da celebração, se complementam. Uma trata dos materiais litúrgicos e outra, da experiência e acontecimentos do dia (da semana, da Igreja e do mundo). Na verdade, essas duas séries são materiais litúrgicos, porque os acontecimentos na vida das pessoas, da comunidade e do mundo fazem parte da ação conjunta do povo. Muitos dos acontecimentos são elevados a Deus em intercessões.

(a) Materiais litúrgicos

Bíblia, Livro de Oração Comum, Hinário, Calendário e Lecionário.

Só a Bíblia não basta. É preciso fazer as leituras conforme o Lecionário. Só o LOC também não basta. É preciso situar a celebração dentro das Quadras do Ano Cristão. A celebração conforme o LOC apresenta elementos constantes e variáveis. Aos domingos, o anúncio da Ressurreição é constante. As quadras introduzem variações nessa constância.

Também deve-se levar em consideração as festas propícias à renovação dos votos batismais, como o Batismo de Jesus na Epifania, um domingo na Páscoa e na Oitava de Todos os Santos e na visita do Bispo sem a ministração do Batismo e da Confirmação. Nesse caso, o Credo Niceno será dispensado.

Com a organização em três anos, o Lecionário procura fazer a leitura contínua dos Evangelhos. Mateus é designado ao Ano A, Marcos ao ano B, e Lucas ao Ano C. Na proclamação(leitura) dos Evangelhos. os eventos principais da vida de Cristo estão reservados aos domingos entre o Natal e a Páscoa. Outras partes do Evangelho que narram os milagres e ensinios de Jesus são ouvidas nos domingos depois de Pentecostes. Nas Festas principais de Cristo, ouve-se anualmente o Evangelho de São João. Durante a semana da Páscoa os capítulos 13 a 17, que falam na relação de Cristo com o Pai, o Espírito Santo e a Igreja são designados para a sua proclamação. Com isso se procura assegurar a leitura dos três Evangelhos durante os três anos. Cada ano, em determinada quadra e festival, se ouve o Evangelho de São João.

As Epístolas são lidas quase consecutivamente nos domingos depois de Pentecostes. As leituras do Antigo Testamento seguem ao critério temático de fazer eco ao Evangelho. Nas festas principais as leituras são organizadas de modo que as três tenham convergência. Há, assim, entrosamento de continuidade e variações nas leituras.

Os hinos devem, na verdade, se harmonizar com a ocasião, principalmente, com as quadras do Ano Cristão.

(b) Anotações referentes à experiência da comunidade

Muita coisa está acontecendo com a vida das pessoas e da paróquia como um todo. Há aniversariantes, doentes, gente que perdeu emprego, família que ganhou mais uma criança. Há diversos acontecimentos no mundo e na sociedade que preocupam as pessoas. Por exemplo, houve greve no setor da saúde. Isso afetou muito a vida da cidade. Houve diferenças de opiniões sobre a greve. E a oração não significa, necessariamente, apoio, nem condenação, mas elevar essa situação diante de Deus em intercessão. Com isso a Igreja exerce a *diakonia* conforme o Ordinal dos Diáconos. É uma das funções do diácono é interpretar para a Igreja as aspirações e preocupações do mundo. E o diácono representa todos nós, a Igreja como um todo nesse mistério.

No preparo da liturgia deve haver anotações, por escrito, ou na cabeça, dos acontecimentos e preocupações com as seguintes perguntas em mente:

- o que os noticiários nos jornais, nos rádios e nas TVs têm comunicado nesta semana?
- que está acontecendo no mundo, na cidade e no país?
- que aspirações e preocupações o povo está trazendo para a Igreja?

Essas anotações não vem do LOC nem da Bíblia, mas com eles tornam-se ingredientes da Liturgia.

Tudo isso e muito mais coisas fazem parte do preparo para a ação litúrgica.

